

POÉTICA DAS (TRANS)MIGRAÇÕES EM GUIMARÃES ROSA E MILTON HATOUM

Ezilda Silva (UNIFFESPA)¹
Amilton Queiroz (UFAC)²

Resumo:

O presente trabalho analisa os contos *Orientação*, de Guimarães Rosa, e *Um oriental na vastidão*, de Milton Hatoum. Esses textos são compreendidos como lugares onde aparecem cartografados os encontros interculturais entre personagens chinesas, japonesas e brasileiras no sertão mineiro e na floresta amazônica em projetados em escala global do imaginário contemporâneo. Zona de passagem intrincada, as vozes heterogêneas do texto rosiano e hatouniano equilibram-se na desterritorialização do imaginário híbrido, imprimindo o ritmo da travessia para o outro lado de si, além do deslocamento pela atmosfera das latências do outro, reposicionada na constelação das mobilidades transmigrantes.

Palavras-chave: Personagem; Estrangeiro; Ficção; mobilidade.

Os textos de Guimarães Rosa e Milton Hatoum são convite à tradução da poética da transmigração e à cartografia das relações entre sujeitos, territorialidades e interculturalidades. O processo de leitura torna-se mais complexo e revelador, se conjugada a mirada comparatista de travessia pelas zonas da figuração de identidades em trânsito.

Através da releitura e reescrita do ethos da diferença, os textos dessa dupla literária escavam os trilhos da percepção do eu múltiplo, narrando o encontro com os signos da estrangeiridade fronteiriça, linguística e cultural. São, assim, escritas onde se encontra a projeção de alteridades posicionadas entre o próprio e o alheio das culturas, testemunhando, por conseguinte, a força substantiva da geograficidade de sujeitos errantes, os quais deambulam pela margem do olhar.

Nesta empreitada constelar, o presente estudo alicerça-se na leitura contrapontual de *Orientações* e *Um oriental na vastidão*, contos onde Rosa e Hatoum figuram a travessia, o deslocamento, o trânsito e a errância de narradores dotados da perspectiva transmigradora. A partir da cadência movente, os contos realizam, cada uma a seu modo, a cartografia das des(re)territorializações rizomáticas da alteridade latino-americana. O mapeamento do espaço da diferença é alcançado através da caminhada de

¹ Mestre em Letras: Linguagem e Identidade (UFAC), Doutoranda em Teoria da Literatura pela Universidade de Brasília. ezilda.silva@hotmail.com

² Dr. em Letras, Literatura Comparada (UFRGS), Docente da Universidade Federal do Acre. amiltqueiroz@hotmail.com.



atores culturais radicados dentro e fora da memória, trançando latitudes cujas “conexões geográficas hoje imperiosas nos levam a repensar as relações entre culturas, tradições e literaturas distintas” (CARVALHAL, 2003, p. 62). Estacionado nos limiares do século XX, os contos esfoliam as camadas da heterogeneidade estético-cultural latino-americana, reinscrevendo a poética do contato como zona de interlocução narrativa.

A figuração das conexões é uma maneira de repensar, primeiramente, sobre o imaginário dentro de suas respectivas territorialidades locais. Em segundo lugar, o trânsito pelo território do próprio interliga o projeto de leitura plural dos narradores, pois eles atravessam e são atravessados no encontro com o alheio na fronteira de suas pátrias imaginárias. E, finalmente, o traço comum traduzido pelos narradores é o movimento da transmigração empreendido na travessia de suas alteridades, posicionadas temporal e espacialmente no rol da voz heteróclita sustentada pela abertura de múltiplas inserções transfronteiriças.

Não por acaso, a cartografia empreendida pelos narradores dos contos projeta “conexões geográficas” dos encontros interculturais. O fluxo dos encontros implica a vocalização das experiências escondidas detrás do imaginário posto em relação. Nesse lugar de passagem, estão ambientadas as novas geografias narrativas, fortemente dotadas do traço da mobilidade multifocal nas fronteiras da solidariedade transatlântica. Nutridos da atmosfera da distância, mas enlaçados pela geografia do espírito migrante, os narradores dos contos posicionam-se no espaço nômade da figuração do deslocamento e da alteridade latino-americana.

Cientes da ausência de um lugar fixo para narrar seus respectivos itinerários da mobilidade, os narradores dos contos de Rosa e Hatoum escalam a tríplice fronteira do ver, sentir e traduzir do ecossistema das “*tradições, das culturas e das literaturas*”. Eles testemunham, assim, a dramatização da diferença de seus mundos provisórios como estratégia incentivadora de entrelaçamento das identidades culturais, redefinidas sob o ritmo das ressonâncias e dos atritos de uma sobre a outra, já que estão amparadas pela perspectiva relacional dos imaginários culturais.

Quanto à cartografia do espaço latino-americano, a figuração do sertão e da floresta (acoplada à imagem de um certo Oriente) interliga-se através da transumância de vozes que narram o arquipélago de suas culturas desterritorializadas do insulamento



dentro de si, bem como escavam as tramas da transmigração para ler o movimento do outro na paisagem do encontro.

Alojados no epicentro das poéticas transmigratórias, os narradores sobrepõem os espaços simbólicos da intersubjetividade local e global, afastando-se da posição horizontal dos olhares e levando-os à mirada do olhar em diagonal, capaz de conjugar o descentramento da percepção das trocas culturais operadas entre sujeitos desenraizados da certeza de suas origens e guiados pela liminaridade epistemológica da dúvida.

A descoberta de outros roteiros para caminhar sertão e na floresta acontece no meio da travessia, ou seja, no entre-lugar das razões nômades do gesto tradutório da cultura alheia dentro do espaço do próprio, já tocado na sutileza de sua experiência residual do cotidiano das relações interculturais.

Em *Orientações*, identifica-se a atuação de Quim, um chinês transmigrador que atravessa as margens do território mineiro, visualizado, sentido e perquirido em seu estágio relacional do movimento de fricção e diálogo entre as culturas orientais e ocidentais. Através da utilização de uma bússola narrativa deslocada da finalidade de apontar direções unilaterais, Quim atua como um cartógrafo do trânsito pelo ecossistema do encontro das transversalidades culturais.

Seu itinerário figura “a capacidade de acolher o outro em sua diversidade, originando um entrecruzamento de imaginários e vozes” (BERND, 2015, p. 51). Deslocado do eixo da centralidade, Quim transmigra pela liminaridade de suas experiências contactuais, atravessando comarca cultural mineira. A viagem pela zona da interação estrangeira (re)situa as questões de pertencimento ao espaço próprio e alheio. A recursividade aberta pelo movimento de Quim alcança seu ápice na deambulação pela plasticidade do imaginário e das vozes daqueles que habitam as territorialidades de orientais. Os vínculos tensos estendidos entre esses lugares da tradução cultural hospedam a figuração do gesto seminal em torno da condição assumida por “narradores nômades, deslocados, exilados muitas vezes dentro do próprio território nacional” (CURY, 2008, p. 14). Sob a jurisprudência da reflexão de Maria Zilda Cury, entende-se que Quim localiza-se na fronteira deslocada e exilada dentro pátria do encontro entre oriente e ocidente.

Expandindo mais esse aspecto, Quim descola-se pelas constelações axiomáticas da língua e cultura. Ele instaura uma nomadologia das redes semânticas do viver em



deslocamento dentro e fora de si e exila-se na tessitura escritural da poética da relação de seu eu diverso, solicitando a presença alheia na cartografia do sujeito desterritorializado do olhar monotemático e reterritorializado na cadência errante.

A agudeza da itinerância de Quim pontifica, assim, a figuração da “realidade viva e dinâmica, profunda, contraditória, dada a conhecer ao leitor através da experiência existencial de seus habitantes” (COUTINHO, 2013, p.28). Zona de passagem intrincada, a voz heterogênea de Quim equilibra-se na itinerância do imaginário híbrido de cada uma dessas personagens. O ritmo da travessia para o outro lado de si, além do deslocamento pela atmosfera cambiante das latências do outro, reposiciona o chinês no espaço de acolhida das mobilidades culturais.

O trânsito de Quim oxigena não apenas a compreensão de sua estrangeiridade interna, pontificada no passo a passo das relações conflitivas com os signos da cultura local, mas também alimenta seu estágio de tradução das trocas culturais estabelecidas no contato com as novas configurações do saber errante. Sob essa forma de pensar, Quim deambula pelo território de uma “*memória que está despedaçada em geografias, histórias e experiências dissimiles*” (POLAR, 2000, p. 131). As espacialidades atravessadas por Quim redigem, na tábula de sua memória, os fragmentos da heterogeneidade linguística e cultural, atuando ambas como ponto de passagem para deslocá-lo das certezas do pertencimento e inseri-lo no limiar da natureza descentrada da imagem de si mesmo e do outro, com o qual estabelece redes conotativas enraizadas dinamicamente na zona da performance prolífica.

Fora da órbita dos revanchismos e atavismos estéticos, Quim é um sujeito migrante que grafa seu deslocamento entre o fluxo da fragmentação do eu que narra e do eu narrado. A migrância de Quim nasce da condição errática e transumante das paisagens do encontro, cruzando em ida e volta a sintaxe da voz e olhar des(re)territorializados no enredo da diferença plural das culturas orientais. Quim, enfim, transmigra as fronteiras do narrar para adelgaçar a passagem do eu para o outro lado de si e concretizar seu projeto de cartografia da solidariedade disjuntiva e da topografia do imaginário intercambiado da travessia latino-americana.

Nas frestas de Orientações, Quim topografa o itinerário da travessia do eu múltiplo que navega pelas bordas geográficas e simbólicas do sertão-mundo. Deslocado do pensamento cartesiano, o exercício da mobilidade de Quim permite-o disseminar,



figgando, as garatujas, os balbucios e as marcas do próprio e alheio no entre-mundos da narrativa rosiana. É desse lugar marcado pelo espírito da movência que Quim agudiza a poética da travessia pelos territórios da estrangeiridade prospectiva, ao mesmo tempo que elege a itinerância do olhar e da voz como vias fecundas para impulsionar o transbordamento da interrogação de si mesmo e do outro.

Vivendo entre as paisagens do devir, Quim enlaça a geograficidade do deslocamento. O movimento pelo sertão físico, lugar em que amplia sua experiência de ser andante, arremessa Quim na trama do sertão simbólico, territorialidade discursiva onde são escandidas as figurações do contato intercultural. Soma, subtração, multiplicação e divisão de solidariedades conjecturais, Quim emerge do imaginário híbrido das culturas do trânsito.

Ao desviar-se da centralidade da voz, tingindo-a de marcas heteróclitas, Quim transmigra pelos limites de sua alteridade de homem das letras e reterritorializa-se na alteridade plural. Na travessia pela estética da desterritorialização e reterritorialização, Quim reaprende descosturar as filigranas homogêneas e endógenas do pertencimento e relançá-las no arquipélago das opacidades culturais. Quim monta, destarte, um mapa das alteridades rizomáticas, atravessando, a seu modo, a margem do olhar e da voz que remam, à deriva, no sertão da palavra rosiana, instância de saberes onde a plasticidade da poética do contato embaralha o sentido das pertenças e desloca o eu múltiplo para dentro e fora da natureza intermediária e paradoxal.

Navegante da bacia estética latino-americana, o ficcionista Milton Hatoum elabora o mapa do deslocamento de narradores intercontinentais pela comarca cultural manauara. Alojado no limiar da voz de dentro e de fora, *Um oriental na vastidão* traz pistas de como o outro se perde e se encontra na travessia. Neste mapa literário, desenha-se a jornada de figuração de japonesas e brasileiras, cujas direções paralelas e diagonais cartografam o intercurso de vidas imantadas pelo presságio da importância de desvendar o outro de si, para expandir a cadência dos limiares interculturais. Abrindo as paisagens do encontro para o processo de travessias dentro e fora do imaginário brasileiro, o texto hatouniano testemunha as experiências das relações entre o eu e o outro, projetando percepções de relações interpessoais, amparadas na estética da tradução cultural.



Ao narrar o interlúdio das tensões do encontro, a escrita hatouniana cartografa a visão que as personagens nacionais indígenas têm do estrangeiro, bem como figura o olhar que o estrangeiro lança sobre o nacional resultante do contato com regiões planetárias. Através da recolha dos vestígios do mundo feito de mediações culturais, as personagens deambulam por zonas de interação, onde são fecundadas infinitas redes de alteridade, aportando no território da cultura rizomática para desenhar o mapa simbólico da descoberta de si e do vir a ser outro.

Os lugares de narrar o próprio e alheio da narradora do conto testemunham desvios para habitar o espaço zonal da heterogeneidade do encontro consigo mesma e o outro japonês. Mundos são reconectados e os tempos são redefinidos pelo ritmo das cartografias e tranças do outro na poética da relação traduzida pelos narradores de dentro e fora do imaginário intercultural. Em *Um oriental na vastidão*, figura-se, portanto, o outro no limiar dos fluxos migratórios de falas ambíguas que rasgam a capa da superficialidade do estereótipo, com vistas a riscar outros itinerários, onde o traço fecundante encontra-se imantado pela consciência paradoxal da alteridade.

Certeau (2011) afirma que “habitar é narrativizar.” Disto entende-se que ao integrar um determinado espaço físico, social e/ou cultural, automaticamente, falamos sobre ele, traduzindo-o conforme nossas percepções, convicções e vivências. Esse teórico alega ainda que é preciso despertar as histórias que dormem nas ruas que jazem de vez em quando num simples nome. O nome, neste caso, é Kazuki Kurokawa, que no conto *Um Oriental na Vastidão*, habita as memórias da pesquisadora que foi sua guia em uma visita ao Rio Negro, na Amazônia.

O japonês Kazuki Kurokawa vai para a Amazônia em busca da realização de um sonho: navegar pelas águas do Rio Negro, numa viagem de reconhecimento do lugar que tanto estudou em sua vida como biólogo de água doce e professor da Universidade de Tóquio. Kazuki, do seu aspecto grisalho e miúdo com olhos apertados até seu idioma natal, constitui o Outro n’aquele espaço; e seu desejo pode representar o atual movimento globalizador, que, por vezes, aproxima culturas até as fundir, possibilitando a formação de um mundo transcultural.

Mas a transculturalidade não ocorre sem atritos e os costumes do outro não são aceitos sem sequer uma estranheza. Quando fez sua viagem de dois dias pela Amazônia, Kazuki enviou anteriormente um fax para uma pesquisadora do Departamento de



Cooperação Científica da Universidade do Amazonas, pedindo que ela o acompanhasse no primeiro passeio de barco. Sabendo de sua formação, ela estranha o fato de ele não se interessar em se reunir com outros pesquisadores da região, e sim em ir direto conhecer o modo de vida local.

A estranheza se torna espanto diante do fato de que ele veio de tão longe “só para dar um passeio pelo Rio Negro”. “Mas isso é tudo”, respondeu Kurokawa. A pesquisadora não compreendeu que Kazuki almejava um passeio por um Rio Negro contextualizado, levando em conta o cenário composto pela comunidade nativa e sua cultura local, ou seja, um passeio que abrangeria todo um (re) conhecimento daquele meio atípico para o estrangeiro, em cuja bagagem cultural trazia as leituras das pesquisas de Ducke, O’Reilly Sternberg e Vanzolini sobre a Amazônia, que porém, por mais detalhadas que fossem, a voz pessoal dos pesquisadores as entremeavam e (re) moldavam as realidades segundo suas convicções e linhas de pesquisa particulares, de forma que o japonês necessitava viver *in loco* para conceber seu olhar único.

Em seu processo de concepção, Kazuki Kurokawa (re)descobriu o lugar de vivência da/para a pesquisadora, por denotar os “universos” ao redor dela, porém alheios à sua percepção, por estarem recobertos pela fina poeira da rotina cotidiana. Sua admiração silenciosa do Teatro Amazonas, sua curiosidade pelos peixes, até mesmo sua animada conversa com uma *cabocla* (termo utilizado para se referir às mulheres nativas daquele lugar), tornam-se algo digno de nota por seus observadores, que, ao relembrem deste passeio posteriormente.

Um deles, o barqueiro Américo, comenta que “Kurokawa não era turista”, pois este adotou uma postura contrária ao de muitos turistas que transitaram por aquele espaço. Kazuki Kurokawa levou consigo de bagagem física apenas uma sacola vermelha, nenhuma mala ou mesmo uma câmera fotográfica para registrar o momento. Apesar dos seus conhecimentos prévios, Kazuki fizera aquela viagem levando o essencial: sua vontade de conhecer e habitar, ainda que por pouco tempo, o espaço amazônico, sem contudo querer impor seu saber, preferindo despir-se de quaisquer preconceitos e aprender direto da fonte utilizando apenas seus sentidos como ferramenta de estudo.

Isso não significa que Kazuki Kurokawa tivesse deixado as suas raízes para trás. Detalhes como a escolha da cor de sua sacola e da sua rede de pesca vermelha e



branca denotam que ele levava um traço do Japão consigo, por meio da preferência pelas cores da bandeira nacional deste país. Sua despedida do barqueiro Américo se dá no seu idioma natal. E nesta despedida torna-se evidente uma das trocas culturais que ocorrem no contato com o outro, que é a troca linguística, pois Kazuki finaliza o passeio - no qual descreveu com precisão todo o percurso feito ao lado do barqueiro Américo - e, em seguida, alugou o barco deste para fazer uma viagem particular- dizendo: “Obrigado, *mano*, teu barco é *pai-d’égua*” seguido de um agradecimento em japonês, ao que Américo respondeu “*Arigatô, saionara, Kurokawa san*”, palavras que ele aprendeu em contatos anteriores com outros falantes do idioma japonês e que enriqueceram sua experiência *linguística sem nada subtrair de suas raízes culturais*.

Em Um oriental na vastidão, encontra-se a experiência da transmigração do imaginário, exercitando a busca dos fragmentos da diferença através do mapeamento dos paradoxos do encontro entre culturas. A atmosfera do movimento consolida uma visão múltipla do gesto articulatório das mentalidades projetadas na diligência comportamental e cultural das personagens, dotando-as de acepções axiomáticas cujas envergaduras contextuais tecem outras diretrizes enunciativas para o percurso da cooperação intercontinental.

Vistos como uma instância policromática do entre, as escritas de Rosa e Hatoum figuram, assim, os traços da multiplicidade linguística, cultural e ecológica através da travessia pela geografia da diferença latino-americana. Na interlocução via mobilidade cultural, os textos dos autores em questão apresentam-se como escritas e territórios literários em trânsito, cuja capilaridade discursiva permite uma guinada de leitura fecundada pela cartografia da poética transmigrante. Essa cartografia passa, singularmente, pela zona da percepção das constelações dos encontros entre as culturas, línguas e experiências de deslocamentos supranacionais.

Habitando posições intervalares, Quim e Kurokawa movem-se entre passagens, itinerários e paisagens culturais que instauram a poética do dentro-fora e fora-dentro das redes de solidariedades orientais e ocidentais. Do trânsito pelo espaço medial, os dois orientais exploram a dinâmica do movimento para transmigrarem entre imaginários embalados pela dinâmica de subjetividades e histórias múltiplas. Em sua natureza performativa, os dois contos pontificam a interação cultural em sua espessura local e



global, impulsionando o fluxo da heterogeneidade e mutabilidade das vozes, dos contatos e das rasuras do eu que narra e do eu narrado.

As dicções projetadas por Quim Kurokawa dão volume à travessia pelo território de narrativas globais, cujas coordenadas de navegação integram o horizonte da topografia de vidas errantes, nômades e rizomáticas. Essa aproximação friccional entre a voz de dentro e a de fora do imaginário posto em diálogo realiza-se através do mapeamento dos vestígios memoriais de escritas e territórios em deslocamento. A performance narrativa dos dois orientais consubstancia-se à tarefa de traduzir linguística, cultural, ética e literariamente as poéticas do estranhamento edificadas na transumância das comarcas nacionais, bem como da necessidade de mapear o pensamento da transmigração através da figuração dos encontros entre culturas e imaginários interplanetários.

No cenário das relações intercontinentais, a sílaba tônica da travessia de Quim e Kurokawa recai sobre o imaginário da distância, da perspectiva móvel, das identidades em trânsito e da consciência de deslocamento. Essa passagem pelos territórios das relações entre o eu e o outro recoloca o jogo dialógico dos trânsitos culturais. A interação entre línguas, sujeitos e territorialidades vivida pelas personagens pontifica o universo do entre-dois, do viver nas frestas e do experimentar das fricções culturais.

O itinerário de Quim e Kurokawa respalda-se na exegese das temporalidades disjuntivas, como estratégia articuladora da travessia pelas filigranas da solidariedade cultural/estética, fomentada desde o movimento dos intercâmbios das memórias interplanetárias. A tríplice fronteira cartografada pela dupla oriental enraíza-se dinamicamente o magma semântico das trocas culturais, cujo testemunho dissemina a força do diálogo com as raízes múltiplas do deslocamento. Os processos de tradução do deslocamento estão respaldados pela (re)construção de percursos que intersectam paisagens através coreografias das alteridades, sublinhadas pela experiência dos interstícios culturais.

Agências de fomento da poética do deslocamento, as narrativas rosiana e hatouniana etnografam uma geografia do desterro, a qual mexe com as zonas de pertencimento provisório, costurando, assim, cenas dos movimentos migratórios dentro da espessura de culturas transfronteiriças, alimentadas da maximização de alteridades reticentes, cujas bordas de travessia desatam os fios da linha divisória entre o eu e o



outro. No margear das experiências, Quim e Kurokawa sublinham a flexibilização dos marcos regulatórios da tradução do eu diverso, cartografando semioses deslocadas do plano das superficialidades e guiadas dialogicamente pela ventura do esgarçamento da textualidade binária.

Contumazmente, os textos dos autores mobilizam o movimento como meio para institucionalizar o ritmo das fronteiras do narrar, descrever e testemunhar a experiência da voz e letra. A atmosfera do deslocamento da personagem está fundada, portanto, sobre a tentação do fechamento à atuação dentro do próprio círculo territorial e o apetite à deambulação pela cultura alheia, derivando desse entrecruzamento de percepções o estágio relacional da personagem como portadora do signo da estrangeiridade intercultural. Zona de passagem intrincada, as vozes heterogêneas do texto rosiano e hatouniano equilibram-se na desterritorialização do imaginário híbrido, imprimindo o ritmo da travessia para o outro lado de si, além do deslocamento pela atmosfera das latências do outro, reposicionada na constelação das mobilidades transmigrantes.

.Referências bibliográficas

- BERND, Zilá. *Análise da vocação transcultural da Revista Interfaces Brasil-Canadá (2001-2014)*. In: Encontros transculturais: Brasil-Canadá. Org. BERND, Zilá; IMBERT, Patrick. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2015.
- CARVALHAL, Tania. *O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada*. São Leopoldo, Editora UNISINOS, 2003.
- COUTINHO, Eduardo Faria. *Grande sertão: veredas: travessias*. São Paulo, Realizações Editora, 2013.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Novas geografias narrativas*. Letras de Hoje, v. 42, 2008.
- [FANTINI, Marli](#). *Grande sertão: fronteiras*. In: Luis Alberto Brandão Santos; Maria Antonieta Pereira. (Org.). Trocas culturais na América Latina. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2000.
- HATOUM, Milton. *A cidade ilhada*. São Paulo, Companhia das Letras, 2010.
- POLAR, Cornejo. *O condor voa: literatura e cultura latino-americanas*. Org. Mario Vale Valdés. Trad. Ilka Valle de Carvalho. Belo Horizonte, 2000.
- ROSA, Guimarães. *Tutaméia*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.